

FIANDO GUIAS DO CONHECIMENTO EM PASSEIOS PELAS NARRATIVAS DA UMBANDA EM PELOTAS – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA.

HÉLCIO FERNANDES BARBOSA JÚNIOR¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – helcio_rs@msn.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussolletti@gmail.com (Orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Este resumo trata da proposta metodológica desenvolvida na dissertação de mestrado intitulada “Caciques de Umbanda em Pelotas: Narrativas, Histórias e Outras pedagogias”, defendida em fevereiro de 2015. A partir das discussões propostas na pesquisa, foi utilizada como parte da metodologia de trabalho, a feitura de guias de Umbanda – colares que servem como pontos de energia e identificação de identidades dentro dos terreiros –, junto aos sujeitos envolvidos.

Na busca de compreender o processo educativo desenvolvido dentro dos terreiros de Umbanda na cidade de Pelotas, foram utilizados autores que fundamentam teoricamente o assunto como SARACENI (2011) e CUMINO (2011). Em termos de conceitos, buscamos o de “narrador” de BENJAMIN (2012), e o de “Outros Sujeitos, Outras Pedagogias” em ARROYO (2014)¹.

Como trata de uma pesquisa que envolve práticas educativas que se encontram “do outro lado da linha” (ARROYO, 2014), foi necessário dedicar um capítulo para a questão multicultural e de resistência através do estudo do multiculturalismo crítico de MCLAREN (2000).

Esta pesquisa continua em desenvolvimento no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

2. METODOLOGIA

Reza a lenda que as guias de Umbanda² não devem ser compradas, nem feitas por qualquer pessoa. Frequentando terreiros de Umbanda desde que nasci, sempre ouvi de muitas pessoas a seguinte frase: “Não compra guia em casa de Umbanda não, faz tu mesmo as tuas, ou deixa que alguém que goste muito de ti faça”. Pois acreditam que o pensamento de quem faz a guia influencia na vida de quem a usa. Bons pensamentos produzem boas guias, maus pensamentos guias fracas.

Na Umbanda, não existe como base um livro que oriente os praticantes, o que acontece são encontros entre os Caciques³ e os filhos da casa, ou então entre os filhos com as entidades espirituais, que muitas vezes se encarregam do

¹ Nesse texto, a palavra “Outro(s)” e “Outra(s)”, é escrita com letra maiúscula para respeitar o conceito desenvolvido por Miguel Arroyo (2014) de “Outros Sujeitos, Outras Pedagogias”.

² Colares usados pelos umbandistas durante a realização dos rituais. Servem para identificar, através de missangas coloridas, a linha em que a entidade trabalha (exemplo: Caboclos, geralmente guias contendo verde e outras cores mescladas; Exus, guias vermelho e preto; etc.). São também pontos de energia dentro dos terreiros, que servem para dar proteção ao médium durante seus trabalhos. Podem também ser utilizadas no dia-a-dia dos umbandistas, mediante autorização ou indicação do Cacique ou entidade do terreiro.

³ Caciques são os responsáveis pela realização dos rituais. Organizam e auxiliam antes, durante e depois do acontecimento.

trabalho de explicar os fundamentos da religião aos demais. Na Umbanda, os ensinamentos são passados de forma oral por seus narradores.

Sandra Jovchelovitch e Martin W. Bauer (2002) auxiliaram no processo da escrita metodológica desta dissertação através da Entrevista Narrativa (EN) como metodologia na fase empírica da pesquisa. De maneira que pensando a Entrevista Narrativa como caminho metodológico: “as narrativas se tornam um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.90).

Neste trabalho com os Caciques de Umbanda, essa metodologia torna-se interessante no momento em que a entrevista narrativa:

[...] é classificada como um método de pesquisa qualitativa (Lamnek, 1989; Hatch & Wisniewski, 1995; Riesman, 1993; Flick, 1998). Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta a maioria das entrevistas. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.95).

No decorrer das entrevistas realizadas, foi que o fio de nylon foi desenrolado, as missangas espalhadas, e foi pedido aos Caciques que ajudassem a construir as guias que conduziram as narrativas que compuseram essa história. Esta fase é chamada por Jovchelovitch e Bauer (2002) de “Iniciação”, onde enquanto começávamos a dar os primeiros nós nas linhas, era explicada a finalidade da pesquisa, seus objetivos e a importância impar das histórias que pudessem contar.

O procedimento da entrevista narrativa é então brevemente explicado ao informante: a narração sem interrupções, a fase de questionamento e assim por diante. Na fase de preparação da entrevista narrativa, um tópico para a narração já foi identificado. Deve-se ter em mente que o tópico inicial representa os interesses do entrevistador. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.98).

O tópico inicial era olhar atentamente para o terreiro e perguntar para o Cacique narrador: “Como aconteceu tudo isso? Como surgiu a Umbanda na tua vida?”.

Durante esses momentos que se desenrolaram os fios que conduziram as entrevistas, foi desenvolvido, o que chamamos de “passo a passo” de JOVCHELOVITCH e BAUER (2002), que compreendem as seguintes etapas: Preparação das entrevistas, Iniciação, narração central, fase do questionamento, e fala conclusiva.

A transcrição das entrevistas se deu forma densa e atenta a detalhes. “O primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.106).

Cada palavra dos caciques está baseada em um fenômeno e prática humana, inclusive o próprio ato de narrar, e por isso, neste trabalho, tornam-se reais, vivas e geradoras ativas tanto daquilo que se pratica em terreiros de Umbanda quanto do que pertence ao imaginário das pessoas.

Destaco ainda que em todos os procedimentos do trabalho foi respeitada a Resolução 196/96⁴ do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996). O anonimato dos entrevistados foi atribuído. Os Caciques foram convidados a participar do processo somente depois de feita a explicação dos objetivos e da importância da sua colaboração.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Depois do interesse, do aprendizado, nasce a amizade”. Através dessa frase de um dos Caciques entrevistados, percebemos que as relações entre os saberes construídos dentro dos terreiros de Umbanda direcionam os sujeitos envolvidos para outras formas de aprendizados.

A capacidade de (re)criação e instituição de significações múltiplas ao vivido faz parte da imensa riqueza das narrativas e das vidas desses Caciques. O movimento de busca por respostas parece quase sempre repousar em imagens de conforto. Como no caso ilustrado por um dos entrevistados, quando relata que, ao ver sua avó incorporada diz que “Eu via ela trabalhar, mas eu era muito pequeno, pra mim ela tava dançando”.

Tornam-se, nesta perspectiva, sujeitos políticos que exigem que as suas histórias sejam recontadas, assumindo os seus lugares como protagonistas e nos levando a repensar suas Pedagogias como Pedagogias Outras. Isto pode ser compreendido através de Arroyo quando diz que:

Ao se afirmar presentes como sujeitos políticos, sociais exigem o recontar dessa história pedagógica que os segregou como sujeitos e os relegou a meros objetos, destinatários das pedagogias hegemônicas. Exigem que sua história seja reconhecida, ou melhor, que as narrativas da história oficial das teorias pedagógicas sejam outras (ARROYO, 2014, p.12).

Há um esforço por parte dos sujeitos entrevistados de fazer com que a Umbanda seja reconhecida não somente como religião oficial do Brasil, mas também de propor Outra forma de culto ao divino, Outra forma de professar a fé que advém de Outros Sujeitos donos de Pedagogias próprias.

4. CONCLUSÕES

Rodolfo Kusch (2009), ao repensar as origens da América-latina, afirma com relação ao indígena colonizado: “*el indígena creía en esa cruz porque restituía el orden cósmico, y no porque fuera la cruz de Cristo*” (KUSCH, 2009, p.54). Para os Caciques e os umbandistas quem está na cruz é Oxalá, que lhes dá sentido à ordem religiosa que participam e lhes configura como grupo, fortalecendo assim sua fé. E com esta pesquisa, pensamos ter contribuído para outro olhar sobre as maneiras de se adquirir conhecimento sobre si e sobre a diversidade existente no nosso dia-a-dia.

⁴ Resolução que incorpora os referenciais da bioética, autonomia, não malificência, justiça, equidade, entre outros. Visa assegurar os direitos e os deveres dos participantes da pesquisa, da comunidade científica e do Estado.

Mais uma vez me apoio em Arroyo, para seguir o meu caminho na direção destas Outras Pedagogias, certo de que “Toda pedagogia para os diferentes que não superar essas visões inferiorizantes que vêm desde as origens de nossa história política, cultural e pedagógica serão antipedagógicas” (ARROYO, 2014, p.13).

Imbuído disto foi que quisemos proporcionar aos leitores desse texto a sensação da experiência dos momentos em que de maneira “informal”, sempre conversei com umbandistas sobre esta religião, Umbanda, deixando-os falar e instigando-os a aprofundar determinado tema como o desenrolar de suas narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. **Resolução nº 196/96**. Brasília. 1996.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda, uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. ENTREVISTA NARRATIVA. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p 90-113.

KUSCH, Rodolfo. América Profunda. In: KUSCH, Rodolfo. **Obras Completas tomo II**. Santa Fé: Fundación Ross, 2009. p.3-254.

MCALAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da umbanda, as hierarquias espirituais dos orixás**. São Paulo: Madras, 2011.